

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## AS SETE VACAS MAGRAS: UM ESTUDO SOBRE A SAÚDE E A MORTE NO RIO GRANDE DO NORTE OITOCENTISTA A PARTIR DAS POESIAS DE AUTA DE SOUZA (1850-1900)

Jussier Dantas\*

### RESUMO:

O presente trabalho procura discutir a relação entre as mortes, principalmente de crianças, apresentadas na obra da poetisa potiguar Auta de Souza e o contexto da seca no estado do Rio Grande do Norte durante a segunda metade do século XIX. Por meio da análise das poesias registradas no *Horto* – única obra produzida por Auta de Souza –, procuramos observar um pouco mais a fundo o espaço vivenciado e descrito por Auta de Souza ao longo dos deslocamentos que realizou pelo estado em razão de sua doença: a tísica ou tuberculose. Por meio desses deslocamentos, Auta de Souza conheceu pessoas e histórias que transformou em versos e que podemos utilizar para compreender um pouco mais do contexto vivenciado pela população do interior do estado em fins do século XIX. Assim, procuramos analisar o contexto vivenciado por Auta de Souza e o espaço marcado pela seca no estado do Rio Grande do Norte na segunda metade do século XIX. Essa análise histórica amplia as fontes e os dados que podem ser estudados acerca do cenário da saúde no estado do Rio Grande do Norte, das doenças e da proliferação destas, assim como dos óbitos ocorridos principalmente a partir da década de 1850, quando algumas epidemias passaram a assolar o estado, como a varíola, a cólera e a febre amarela.

Palavras-chave: Auta de Souza, Espaço, Saúde.

Auta de Souza é até hoje um dos maiores nomes da literatura norte-riograndense. A poetisa nasceu no município de Macaíba no dia 12 de setembro de 1876 e faleceu na cidade do Natal aos 24 anos de idade, no dia 7 de fevereiro de 1901, vítima de uma das doenças mais contagiosas e mortais de sua época: a tuberculose. Sua obra poética está contida em um manuscrito intitulado *Dhálías* (com poesias escritas entre 1893 e 1897) e um livro intitulado *Horto*, publicado em junho de 1900, contendo grande parte das poesias presentes no manuscrito *Dhálías* e mais algumas escritas após 1897. Todas essas poesias encontram-se atualmente publicadas na edição do *Horto* organizada pela pesquisadora da vida e obra de Auta de Souza, a profa. dra. Ana Laudelina Ferreira Gomes (SOUZA, 2009).

O contexto em que a poetisa viveu foi marcado por uma série de calamidades que transparecem tanto nos documentos históricos do período quanto na obra de Auta de Souza. O ano de 1876, ano de nascimento da poetisa, antecedeu uma das secas mais

---

\*Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, orientado pelo Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior. E-mail: [jussierd@gmail.com](mailto:jussierd@gmail.com).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

severas de que temos conhecimento: a seca de 1877, também conhecida como a seca dos dois sete.

Era o ano da seca, “a seca dos dois sete”. Macaíba era o caminho dos “retirantes” (o vocábulo é deste ano) descidos dos sertões do Seridó e do oeste, exaustos, sujos, famintos, taciturnos, procurando o refrigério das praias, vendo pela primeira vez água corrente e perene, mas verde, salgada, inútil. iam aos magotes [sic] para o Rio Grande, sinônimo sertanejo da cidade do Natal. As obras para fixá-los eram improvisadas e eram distribuídos mantimentos, farinha de mandioca, milho, carne do Ceará, jabá, charque seca, dura, coriácea [...] (CASCUDO, 2008, p.51).

Diante desse cenário, a região que hoje conhecemos como Nordeste tornava-se “[...] em grande medida, filho das secas; produto imagético-discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito deste fenômeno, desde que a grande seca de 1877 veio colocá-la como o problema mais importante desta área” (ALBUQUERQUE JR., 2011, p.81). Percebemos, portanto, que a seca dos dois sete deixou marcas profundas em todo o estado do Rio Grande do Norte por muitos anos. Auta de Souza e seus familiares tiveram contato com algumas das histórias de perdas ocasionadas pela seca, fossem elas materiais - de pessoas que deixaram seus locais de moradia para fugir da seca e buscar uma condição de vida melhor, geralmente no litoral - ou de vidas que não resistiram às mazelas dos anos de estiagem severa. O político e jornalista Eloy de Souza (1873-1959), irmão mais velho de Auta de Souza, narra uma dessas perdas ocasionadas pela seca de 1877 ao lembrar da primeira pessoa que viu morrer:

A primeira pessoa que eu vi morrer foi um pobre sertanejo, tangido pela seca de 1877, com a mulher e um filho de criação, chamado José. Abarracaram-se [sic] perto do portão da nossa casa, e comiam os restos do que lhes davam os meus avós paternos. Uma tarde, abri o portão e ouvi, vindo do lado, gemidos e um choro soluçado. Aproximei-me, e deparei [com] um pobre homem deitado numa rede agonizando e sua mulher, com uma candeia de querosene, dizendo: - “Jesus, Maria e José, minha alma vossa é!” Palavras que ouvi pela primeira vez e que nunca esqueci [...] (SOUZA, 2008, p.56).

Podemos observar nos trechos citados anteriormente um pouco do contexto no qual o estado do Rio Grande do Norte encontrava-se durante a infância de Auta de Souza até o momento em que realizou suas viagens em busca de condições climáticas favoráveis à sua saúde. Essas características nos levam a pensar que as razões das diversas mortes, principalmente de crianças, transformadas em versos pela poetisa provavelmente teriam relações com as consequências das secas vivenciadas no final do século XIX.

Das secas ocorridas desde o final do século XIX e ao longo do século XX, há registros de vários surtos e epidemias de doenças como: cegueira diurna

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

(hemeralopia), tracoma, cólera, diarreia, disenteria, tifo, paratifo, febre amarela, varíola, peste bubônica, leishmaniose e gripe. [...] Além das doenças e óbitos diretamente relacionados à seca nas regiões onde ocorreram há também os efeitos indiretos, como lepra, tuberculose, malária e beribéri [...] (ALPINO et al, 2016, p.810).

Gestantes e crianças – principalmente aquelas com menos de cinco anos de idade –, nesse contexto, compõem os grupos mais vulneráveis a estes surtos e epidemias (ALPINO et al, 2016, p.813). Esses são os personagens centrais de muitas das poesias de Auta de Souza: mães e crianças. Acredita-se que a poetisa tenha conhecido e convivido entre um deslocamento e outro, mesmo que de forma muito breve, com os sujeitos que apresenta em suas poesias, visto que em geral passava alguns poucos meses nos locais em que costumava realizar suas viagens, assim como pelo fato de a poetisa ser descrita como possuidora de um “[...] espírito de sociabilidade para com outros seres femininos e para com as crianças” (VICTOR apud GOMES, 2013, p.173). Henrique Castriciano comenta, em sua *Nota*, que foi “[...] no campo, onde [a poetisa] passou o melhor tempo da atormentada existência, [vivenciando] a paisagem triste do sertão nos longos meses de seca, a compaixão pelos humildes, cuja miséria tanto a comovia [...]” (SOUZA, 2009, p.33). Assim, embora esse espaço, descrito por Henrique Castriciano, tenha ocasionado um tempo de tranquilidade e alegria à poetisa, as impressões vistas e vividas nesses locais, marcados pela seca, proporcionaram histórias de perdas significativas o bastante para, embora não estivessem diretamente ligadas à vida da poetisa, tornarem-se parte de seu *Horto*.

Mas quais os motivos para haverem tantas poesias sobre mortes de outras pessoas na obra de Auta de Souza? Para respondermos essa pergunta, precisamos analisar um pouco mais amplamente o contexto vivenciado por Auta de Souza, uma vez que as causas de morte da população do Rio Grande do Norte oitocentista, e principalmente das crianças em razão de sua maior vulnerabilidade, vão muito além da seca. Embora algumas doenças encontrassem um contexto propício à sua proliferação nestes períodos de intensa estiagem. Segundo o historiador José Francisco da Rocha Pombo (1857-1933), “Além das seccas [sic], a praga das epidemias também vinha, com frequência consternadora, fazer na província a sua ceifa medonha [...]” (ROCHA POMBO, 1922, p.368). Acredita-se, portanto, que a segunda metade do século XIX foi o período de maior concentração de epidemias da nossa história (MEDEIROS, 2006, p.33), pois “a partir da segunda metade do século XIX, a Província foi atingida por uma sucessão de surtos epidêmicos de cólera-morbo, febre amarela e varíola, que mudaram o modo com que os presidentes

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

[de província] tratavam a saúde pública” (DIAS, 2018, p.1). A província do Rio Grande do Norte foi assolada por várias doenças que, em pouco tempo, assumiram um caráter epidêmico, gerando além de um grande número de contaminados, uma elevada mortalidade (MEDEIROS, 2006, p.9).

Antes de abordarmos as doenças que atacaram o Rio Grande do Norte ao longo da segunda metade do século XIX e o cenário ocasionado por estas, é interessante que tenhamos conhecimento do contexto da saúde e da salubridade do RN neste período. Até 1850, “a província não oferecia nenhuma estrutura financeira nem física para lidar com o quadro epidêmico” (MEDEIROS, 2006, p.14). A razão disso provavelmente estava no que nos apresenta Rocha Pombo ao citar o político e historiador Augusto Tavares de Lira (1872-1958), alegando que a salubridade no Rio Grande do Norte era excepcional, as epidemias eram raras e, em regra, menos graves do que em outros pontos do nosso país, a varíola e o sarampo, que apareciam periodicamente em algumas regiões do estado, não tinham a gravidade que apresentam em outros climas, ainda que contra elas se careça de recursos de higiene e profilaxia que as tornaram cada vez menos mortíferas (LIRA apud ROCHA POMBO, 1922, p.69). No entanto, Rocha Pombo também ressalta que “Não havia, nem na capital, um médico sequer [sic]” (ROCHA POMBO, 1922, p.338).

Segundo o historiador Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) – citando relatório do presidente de província Antônio Bernardo de Passos, datado de 1º de julho de 1856 – até o ano de 1856, a cidade do Natal não possuía um só asilo de caridade, salvo a enfermaria militar, e contava com apenas uma botica e um médico (CASCUDO, 1984, p.281). Os primeiros rudimentos de assistência social teriam sido mobilizados justamente em razão das secas, a partir das Comissões de Socorro às vítimas da seca, organizadas sempre que o flagelo se declarava mais intenso (CASCUDO, 1984, p.287). Nesses períodos, a aglomeração de pessoas nas capitais e cidades litorâneas era a principal causa apontada pelos poderes públicos, do quadro sanitário desolador que se apresentava; eram retirantes que saíam de diversas regiões, fugindo da fome e da seca, na busca de socorro dos poderes públicos nestes locais (ARAÚJO apud MEDEIROS, 2006, p.10). “Devido a essas aglomerações urbanas, as epidemias encontravam um campo muito fértil para se disseminarem, gerando grande pavor na população dessas cidades e no próprio poder público” (MEDEIROS, 2006, p.10).

Dentre as doenças de caráter epidêmico comuns à segunda metade do século XIX, a tuberculose esteve profundamente ligada à vida de Auta de Souza, havendo lhe tirado a mãe em 1879 e o pai em 1881, além de acometer também seu irmão, o político e poeta

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Henrique Castriciano de Souza (1874-1947). A doença tornou-se realidade para a jovem Auta de Souza no ano de 1890, quando contava 14 anos de idade. Sobre este período, seu irmão, Eloy de Souza, declarou que

[...] veio a moléstia terrível que não perdoou nem lhe deu esperanças de voltar à vida almejada num sonho de mocidade. Por isso sua poesia é triste, tristes seus pensamentos, tristes os dias que nunca mais amanheceram na claridade de futuro promissor. As noites de longas insônias eram marcadas por acessos de tosse quintosa que a prostravam [sic] exausta (SOUZA, 2008, p.78).

Apresentando sintomas da doença, Auta de Souza foi levada por sua avó materna “Dindinha [...] para consultas com médicos do Recife e no diagnóstico os pulmões apareciam fracos, anúncios dos primeiros sinais de uma possível tuberculose. A família a tirou do Colégio” (GOMES, 2013, p.73). O acontecimento marcaria a vida de Auta de Souza a ponto de ela dedicar diversas de suas poesias a amigas do colégio, assim como procurou dedicar sua obra “Às boas irmãs do Colégio da Estância, em Pernambuco, almas formosas e santas que me educaram o coração e o espírito, ofereço o que há de mais puro nestes singelos versos” (SOUZA, 2009, p.27). A saída do colégio e a viagem de Recife até Macaíba marcaria uma nova fase da vida de Auta de Souza, na qual realizaria constantes “peregrinações pela terra natal na esperança de melhoras” (SOUZA, 2008, p.80).

“A tuberculose é uma doença infectocontagiosa de evolução crônica, causada por bacilos pertencentes ao gênero *Mycobacterium tuberculosis*, que são bactérias aeróbias [...]” (SANTOS, 2016, p.13). A doença afeta principalmente os pulmões, mas pode atingir também outros órgãos como os rins, as meninges e até os ossos. As esperanças de erradicação da doença - com a descoberta da penicilina em 1928, pelo médico e bacteriologia escocês Alexander Fleming (1881-1955), e com o desenvolvimento de antibiótico com base na penicilina, pelos cientistas Howard Florey e Ernst Boris Chain, no ano de 1940 - acabaram sendo frustradas em razão da pobreza, da fome e da desigualdade social em todo o mundo permitirem, desde sempre, a manutenção e disseminação da doença, levando a uma situação em que praticamente todos se encontram sob risco (HIJJAR, 1999, p.265). Esse risco em relação à tuberculose - fosse por enfermos, familiares ou amigos de pessoas acometidas pela doença - não era algo raro no século XIX. Na segunda metade desse século, a taxa de mortalidade da doença nas capitais europeias ia de 400 a 600 pessoas a cada 100 mil, atingindo 30% da mortalidade geral (ROSEMBERG, 1999, p.3), enquanto no Brasil há estimativas de que, por volta de

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1855, a mortalidade por tuberculose aproximava-se de 1/150 habitantes (MACIEL et al, 2012, p.227).

Apesar da sombra que pairava sobre o tuberculoso e do medo que a sua enfermidade poderia causar, as biografias de Auta de Souza apresentam que a poetisa nunca foi evitada, repelida ou distanciada (CASCUDO, 2008, p.174). Essas afirmações têm base no que apresenta Cascudo em sua biografia sobre a poetisa, ao declarar que Auta de Souza não chegou a sofrer qualquer tipo de ofensa ou segregação devido à sua condição de saúde: “Ninguém a desconhece, a nega, a fere, literariamente. Unanimidade de elogio, de carinho, de admiração compreensiva, de estímulo. A partir de 1898 seu nome era um orgulho para a província inteira” (CASCUDO, 2008, p.183). Cascudo ressalta ainda que “É o que dizem depoimentos verbais e toda documentação impressa” (CASCUDO, 2008, p.183), embora não apresente fontes ou referências acerca destas afirmações.

Além da tuberculose, outras doenças de caráter epidêmico se destacaram durante a segunda metade do século XIX. Dentre as que temos registros na história do Brasil, a mais antiga é a varíola, sendo a primeira referência a ela realizada pelo padre jesuíta espanhol José de Anchieta (1534-1597) no ano de 1561 (GAZETA, 2014, n.p). Acredita-se que a varíola tenha surgido na Índia, sendo descritos casos desta doença nos continentes asiático e africano desde antes da era cristã (MCNEILL apud SCHATZMAYR, 2001, p.1526). Segundo a historiadora Arlene Gazêta, “A varíola foi introduzida no Brasil pelos ‘descobridores’ europeus. Com o processo de colonização, a doença foi se disseminando” (GAZETA, 2014, n.p). A varíola era uma doença exclusiva dos seres humanos causada por um vírus denominado *Orthopoxvirus variolae*, sendo transmitida de pessoa para pessoa por meio das vias respiratórias e que caracterizava-se pelo aparecimento de erupções avermelhadas por toda a pele. Com o tempo, as erupções transformavam-se em pústulas (pequenas bolhas cheias de pus), que provocavam coceira intensa e dor (FIOCRUZ, 2005, p.44-45).

Acredita-se que o primeiro surto de varíola no Brasil tenha ocorrido “na Ilha de Itaparica, na Bahia, disseminando-se para Salvador e causando grande número de casos e óbitos, principalmente entre os indígenas” (SCHATZMAYR, 2001, p.1526). Cascudo corrobora a letalidade da varíola para o Rio Grande do Norte, principalmente entre os indígenas, afirmando que “A varíola devorou o indígena na mais ampla porcentagem dos males” (CASCUDO, 1984, p.275). Rocha Pombo, por sua vez, tratando do Rio Grande do Norte oitocentista, descreve que a varíola foi o terrível mal que perseguiu muitos pontos da província com maior frequência (ROCHA POMBO, 1922, p.368). Ainda na

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

primeira metade do século XIX, em 7 de setembro de 1838, o vice-presidente de província João Valentino Dantas Pinajé relata que “a peste das bexigas costuma de quando em quando visitar nossa Província, e por cada vez condemnar [sic] a morte centenares [sic] de vidas” (PINAJÉ apud DIAS, 2018, p.9). Por sua vez, “Em 1872, no relatório do Dr. Henrique Câmara, Inspetor da Saúde, dizia-se que a Variola assaltara novamente a província. Em Natal adoeceram mais de quinhentas pessoas” (CASCUDO, 1984, p.279). Cascudo aponta ainda que a “peste das bexigas” prolongou-se até início do século XX, observando-se, entre os anos de 1904 e 1905, “[...] cenas dolorosas da epidemia variolosa. Ruas e ruas despovoadas, doentes em abandono, fome, o Governo em pleno combate desvairado contra dois inimigos clássicos, varíola e seca” (CASCUDO, 1984, p.280). Nesse período, com a cidade repleta de sertanejos fugidos da seca, morriam, entre estes, cerca de vinte por dia (CASCUDO apud MEDEIROS, 2006, p.12).

Jackson de Figueiredo (2012, p.17) procurou ressaltar que Auta de Souza, em seus deslocamentos à procura de melhores condições para seus sofrimentos físicos, pode observar o espetáculo desolador da seca no sertão, com todo o imenso e gigantesco cortejo de miséria, dores e sofrimento humano que lhe é consequente. Assim, podemos observar alguns traços do contexto, desses espaços vivenciado por Auta de Souza durante seus deslocamentos e produção de suas poesias. A seca e a morte são, desse modo, elementos que compõem a poesia de Auta de Souza a partir dos espaços proporcionados a ela nesses deslocamentos. A tuberculose deixou marcas profundas na vida e na poesia de Auta de Souza, assim como doenças de caráter epidêmico como a varíola, febre amarela e cólera deixaram marcas na história não apenas do nosso estado, como de todo o Brasil. Vejamos mais algumas dessas doenças e o contexto proporcionado por elas durante a segunda metade do século XIX.

A febre amarela também deixou marcas profundas no Rio Grande do Norte oitocentista. Segundo Rocha Pombo, a febre amarela – que tinha feito a sua primeira aparição na Bahia e em Pernambuco entre 1686 e 1692 – visitou pela primeira vez o Rio Grande do Norte em 1850, concentrando-se nas zonas marítimas e impondo seu maior tributo a Natal e S. José, onde registrou mais de duzentas vítimas (ROCHA POMBO, 1922, p.368). A febre amarela é uma doença infecciosa causada também por um vírus, sendo este do gênero *Flavivirus febricis* da família *Flaviviridae*. Em sua forma silvestre, o vírus hospeda-se em primatas e sua transmissão se dá por meio de mosquitos. A forma urbana da febre amarela é transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti* ao picar uma pessoa infectada com o vírus e, em seguida, uma pessoa saudável. O vírus é passado das

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

glândulas salivares da fêmea do mosquito para os vasos linfáticos de um humano, caindo, em seguida, na corrente sanguínea e infectando células do fígado, rins, coração, pulmões, mucosas do sistema digestivo e até do cérebro. A pele e os olhos do doente adquirem um tom amarelado próprio da icterícia, daí o nome febre amarela.

O impacto ocasionado pela febre amarela – assim como por outras epidemias, como a varíola e a cólera, no mesmo período – foi tão grande que gerou uma abertura e incentivo do governo imperial para a implantação de políticas destinadas à melhoria da saúde pública no Brasil (WITTER apud DIAS, 2018, p.7). Uma vez que as condições de saúde do Rio Grande do Norte não eram diferentes das demais províncias brasileiras, caracterizando-se por um estado de salubridade precário, condições sanitárias irregulares e ausência de profissionais da saúde que atendessem principalmente as pessoas mais pobres, isso facilitava a propagação de doenças infecciosas (ARAÚJO & MACEDO apud DIAS, 2018, p.11), como era o caso da febre amarela.

No ano de 1856, uma nova doença se instalou sobre o Rio Grande do Norte. Dessa vez foi a cólera (ou cólera-morbo) que atingiu a província, sendo relatada pelo presidente provincial Antônio Bernardo de Passos (DIAS, 2018, p.12). Segundo Cascudo:

Em 1856 visitou-nos a Cólera Morbo. Natal possuía um médico e uma Botica. O presidente Antônio Bernardo de Passos criou dívidas perpétuas para a gratidão da província. Foi incomparável de atividade, iniciativa, energia. Morreram 2.563 pessoas. A cifra não está completa, informava o presidente Passos (CASCUDO, 1984, p.278).

Em razão do número de vítimas, acredita-se que a cólera tenha sido a epidemia que mais se destacou na província do Rio Grande do Norte durante a segunda metade do século XIX (MEDEIROS, 2006, p.15). No ano de 1857 a doença apresentou um avanço significativo, atingindo os municípios de Nova Cruz, Extremoz, Acari, Touros, Papari e Vila Flor até cessar seus estragos em 1858 (CASCUDO, 1984, p.278). No entanto, a doença retornou na segunda metade do ano de 1862. No ano seguinte, em outubro de 1863, o então presidente de província Olinto José Meira registrava que “O Cólera Morbo, a Varíola e a Febre Amarela encarregaram-se de fazer estragos em diferentes localidades, n’algumas [sic] das quais o último daqueles flagelos tem-se demorado até esta data, e parece haver-se tornado endêmico” (MEIRA apud CASCUDO, 1984, p.279).

A cólera é uma doença infectocontagiosa aguda que afeta o intestino delgado dos humanos, provocando diarreia volumosa, acompanhada de vômitos. A causa dessa doença está em uma enterotoxina produzida pela bactéria vibrio colérico (*Vibrio cholerae*). A

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

transmissão se dá de forma fecal-oral, por meio da água e de alimentos contaminados pelas fezes ou pela manipulação de alimentos por pessoas infectadas. Epidemias de cólera são comuns em regiões de acampamentos e aglomeração humana, onde as condições de higiene e saneamento básico são precárias ou inexistentes. No Rio Grande do Norte oitocentista, o mau estado de salubridade era potencializado pela atuação de poucos profissionais de saúde na província, assim como pela existência de matadouros públicos, enterros de cadáveres nas igrejas, águas poluídas, ruas sem calçamento, falta de saneamento básico, habitações inadequadas, entre outros exemplos de lugares insalubres, citados nos relatórios dos presidentes de província, que favoreciam o aparecimento e a proliferação de doenças (DIAS, 2018, p.9-11). Diante dessa realidade, não restam dúvidas de que as epidemias foram o principal vetor de mudança, na proporção que causaram um estado de caos na província, despertando, assim, o interesse das autoridades na busca de soluções emergenciais que viessem a sanar, ou pelo menos, dirimir os problemas sanitários e de salubridade (MEDEIROS, 2006, p.35).

A principal diferença que percebemos no tratamento destinado aos portadores de varíola, febre amarela e cólera em relação àqueles que, assim como Auta de Souza, estavam acometidos pela tuberculose, é a restrição imposta àquelas doenças. Observando a trajetória realizada por Auta de Souza em razão de sua enfermidade, podemos perceber uma certa liberdade que a tuberculose permitia para aqueles por ela acometidos. Provavelmente essa forma de tratamento da doença tenha sido uma das razões que tornaram sua proliferação tão acentuada, fazendo com que a tuberculose ainda seja uma doença que provoca grandes estragos em nossos dias. Diferentemente da varíola, que a OMS declarou erradicada de todo o mundo em 8 de maio de 1980, e do cólera, que não apresenta nenhum caso autóctone no Brasil desde 2006. Como podemos observar a partir da vida de Auta de Souza, a tuberculose apresentava sintomas sérios e bastante incômodos como “[...] tosse, febre, hemoptise [eliminação de sangue por meio de tosse ou escarro], suores noturnos, anorexia” (CASCUDO, 2008, p.175), entre outros. No entanto, isso não impediu que a poetisa realizasse seus deslocamentos em busca de melhoras para o seu estado de saúde, assim como não impediu a continuidade de sua produção poética e nem mesmo a convivência com outras pessoas.

O cólera, por sua vez, tinha como principal medida preventiva a quarentena (ARAÚJO, 1997, p.130), denominação atribuída aos locais destinados ao isolamento dos doentes com o intuito de impedir que as doenças se espalhassem entre a população (ROSEN apud DIAS, 2018, p.10). Além disso, eram frequentes os casos de interrupção

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

das atividades no exercício do Poder Público e no cotidiano da população quando um surto epidêmico se instalava numa determinada região (ARAÚJO, 1997, p.129).

A palavra *quarentena* deriva da palavra *quadraginta* e do italiano *quaranta*, atribuída ao período de quarenta dias de isolamento de passageiros e cargas em navios, imposto por autoridades de um porto caso suspeitassem que houvesse portadores de infecção entre os passageiros ou tripulantes, obrigados à incomunicabilidade a bordo dos navios ou em um lazareto de um navio, [sendo] condicionados a permanecerem sem atracar (SANTOS & NASCIMENTO, 2014, p.175).

Os “lazaretos” eram instituições voltadas ao recolhimento e isolamento de pessoas infectadas principalmente pela varíola, mas isso não impedia que pessoas acometidas por outras doenças também fossem colocadas nestes locais. Câmara Cascudo descreve os lazaretos do Rio Grande do Norte como

[...] barracões de palha, erguidos às pressas nos lugares onde a varíola se instalara. Os variolosos ficavam nas esteiras de palha de pipiriri. Para acolhê-los convenientemente o presidente Francisco de Gouveia Cunha Barreto começou o “Lazareto da Piedade” na estrada velha de Guarapes. Em Natal fizeram três barracões. Um desses [sic] foi financiado pelo inglês Francis Artur Bowen, em dezembro de 1882. O Lazareto da Piedade, de remodelação em remodelação, chegou aos nossos dias. É o Hospital de Alienados, no Alecrim (CASCUDO, 1984, p.279).

Assim, percebemos que “Havia uma grande resistência contra a adoção do isolamento, também conhecido como quarentena, como maneira de prevenir uma possível transmissão pelo contágio” (MEDEIROS, 2006, p.23). Uma das razões dessa resistência estava no fato de a medicina social do período caracterizar-se por uma forma de controle constante, por uma vigilância contínua sobre o espaço e o tempo sociais, sendo, a luta contra as epidemias, pautada pelo comando político e não médico (MACHADO apud ARAÚJO, 1997, p.128). Algumas pessoas defendiam que

[...] as medidas de quarentenas e cordões de isolamentos [eram] ineficazes, mas o verdadeiro motivo para o descontentamento era o medo de que o isolamento da população prejudicasse o desenvolvimento do comércio, que dependia intensamente da mobilidade populacional entre regiões; dessa forma, lutavam pela liberdade do indivíduo e do comércio (ALCKERKNECHT, 1948; ALMEIDA, 2011 apud DIAS, 2016, p.39).

Observamos, portanto, que a preocupação das instituições políticas regulamentadoras da salubridade “[...] não era devolver a saúde aos indivíduos, mas sim a saúde às cidades, isto é, à ordem urbana, por meio do enquadramento social e controle da população, inclusive modificando seus usos e costumes ‘comprometedores’”

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

(ARAÚJO, 1997, p.134). Nesse enquadramento e controle social estavam incluídos principalmente a população pobre e os seviciados pelas secas que procuravam asilo nas regiões litorâneas e nas capitais. No entanto, segundo depoimento de Henrique Castriciano, parece ter sido exatamente essas pessoas que mais contribuíram para a poesia de Auta de Souza, pois foi “no campo, onde [a poetisa] passou o melhor tempo da atormentada existência, a paisagem triste do sertão nos longos meses de seca, a compaixão pelos humildes, cuja miséria tanto a comovia” (SOUZA, 2009, p.33), compuseram o espaço vivenciado por Auta de Souza ao longo de seus deslocamentos.

Nesse cenário de miséria, seca e epidemias, um ponto importante a ser destacado é a grande mortalidade infantil existente no período. Esse aspecto foi registrado pelo presidente de província Antônio Marcelino Nunes Gonçalves em relatório acerca do ano de 1858, no qual apontou que “[...] foram sepultados no cemitério público da capital 160 cadáveres, sendo 87 do sexo masculino e 73 do feminino, 153 livres e 7 escravos. Dos 160 cadáveres é singular que 89 [...] fossem de meninos menores de 7 anos!” (GONÇALVES apud MEDEIROS, 2006, p.16).

Fatores como o organismo ainda em processo de desenvolvimento, o sistema imunológico pouco apurado e a falta de uma alimentação regular das crianças somavam-se ao contexto de um enorme contingente populacional fugitivo das secas que superlotavam as cidades, de proliferação das doenças epidêmicas que assolavam o estado frequentemente, de problemas urbanos e sanitários que só foram ser modificados após a situação do estado chegar a níveis alarmantes e de falta de alimentos e água, resultando em um aumento da mortalidade a níveis drásticos (DIAS, 2018, p.7). Assim, os registros paroquiais de óbitos da freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, em Natal, nos dão uma ideia de como os períodos de seca eram dramáticos nesse sentido:

Tabela - Óbitos por ano em Natal entre 1870 e 1878

Ano	Valor absoluto	%
1870	112	6,31
1871	76	4,28
1872	102	5,74
1873	43	2,42
1874	128	7,21
1875	132	7,43
1876	139	7,83

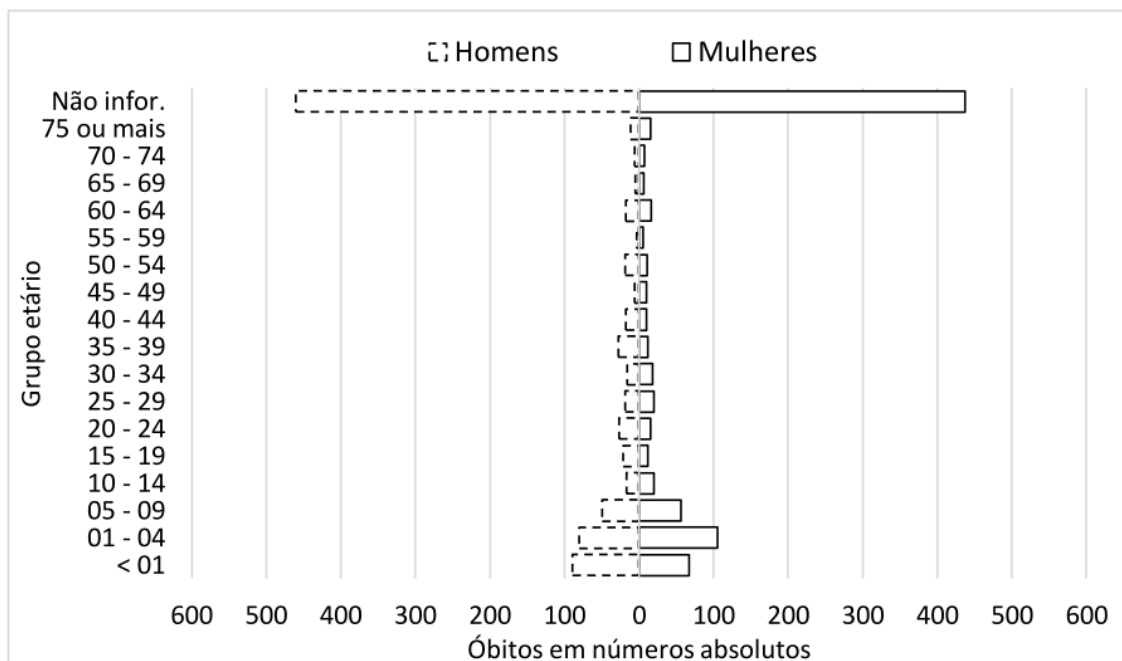
# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1877	189	10,64
1878	855	48,14
<b>Total</b>	<b>1.776</b>	<b>100%</b>

Fonte de dados: registros paroquiais de óbitos da freguesia de Nossa Senhora da Apresentação (Natal), disponível na Cúria Metropolitana de Natal (DIAS, 2019, p.9).

A tabela acima – desenvolvida e apresentada pela historiadora Dayane Júlia Carvalho Dias em seu trabalho *Secas e epidemias: o contexto da mortalidade em Natal e Fortaleza (1870-1878)* – apresenta os óbitos registrados pela paróquia da freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, em Natal, entre os anos de 1870 e 1878. Do total de 1.776, chama a atenção o fato de os dois últimos anos, 1877 e 1878, concentrarem 1.044 óbitos (58,78%). Nesse período o estado do Rio Grande do Norte vivia a grande seca de 1877, assim podemos compreender a significativa elevação da quantidade de óbitos no período. No gráfico a seguir – também desenvolvido por Dias (2016), a partir dos mesmos dados – podemos observar uma distribuição por sexo e idade acerca dos óbitos registrados entre 1870 e 1878 em Natal.

Gráfico: óbitos por idade e sexo em Natal entre 1870 e 1878



Fonte de dados: registros paroquiais de óbitos da freguesia de Nossa Senhora da Apresentação (Natal), disponível na Cúria Metropolitana de Natal.

Assim, podemos perceber que os mais afetados com a alta mortalidade no período foram os grupos etários com menos de 1 ano de idade – principalmente os homens –, de

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1 a 4 anos – principalmente as mulheres – e de 5 a 9 anos. Esses dados sobre o Rio Grande do Norte oitocentista – embora apresentem um número expressivo de pessoas sobre as quais não se sabe a idade nem o sexo –, corroboram o argumento de que as crianças eram as mais afetadas pelo péssimo estado sanitário do ambiente e pelo pouco acesso a serviços de saúde e alimentação adequados. Devemos atentar para o fato de que os dados apresentados anteriormente são referentes apenas à cidade do Natal. Desse modo, acreditamos que os números seriam ainda mais expressivos se houvessem os dados demográficos de outras freguesias da província do Rio Grande do Norte.

Observamos, portanto, que o contexto vivenciado por Auta de Souza foi marcado pela grande seca de 1877, além de uma série de epidemias que, se não surgiram a partir da seca, tiveram sua proliferação intensificada por esta, encontrando também um ambiente propício diante das precárias condições de saúde e de salubridade existentes no estado do Rio Grande do Norte. Diante dessas informações, não nos parece estranho o fato de as poesias de Auta de Souza apresentarem a morte como uma das temáticas mais constantes. Procuramos, neste trabalho, explorar o contexto histórico vivenciado por Auta de Souza como um meio de ampliar as possibilidades de leitura da obra da poetisa, assim como procurando ampliar o arcabouço de documentos que podem ser utilizados como fontes históricas acerca do estado do Rio Grande do Norte. Nesse sentido, mais uma vez a literatura se mostra como uma importante fonte ao estudo e à escrita da História. Dessa forma, esperamos haver ampliado um pouco mais as imagens acerca dos espaços vistos, vividos e poetizados por Auta de Souza em meio à “paisagem triste do sertão nos longos meses de seca” nos “diversos lugares em que esteve em busca de melhoras aos padecimentos físicos”, como descrito por Henrique Castriciano em sua *Nota à 2ª edição do Horto* (SOUZA, 2009, p.33).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval M. de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALPINO, Tais Ariza et al. Desastres relacionados à seca e saúde coletiva: uma revisão da literatura científica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.21, n.3, p.809-820, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232015213.21392015>>. Acesso em: 4 jun. 2021.

ARAÚJO, Maria de Fátima S. Espaço urbano e medicina social no Nordeste do século XIX. **Revista de Ciências Sociais, Política & Trabalho**, [S.l.], v.13, p.117–143, 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6398>. Acesso em: 5 jun. 2021.

CASCUDO, Luís da C. **História do Rio Grande do Norte**. Natal, RN / Rio de Janeiro, RJ: Fundação José Augusto / Achiamé, 1984.

\_\_\_\_\_. **Vida breve de Auta de Souza: 1876-1901**. Natal, RN: EDUFRN - Editora da UFRN, 2008. 196 p. (Coleção Câmara Cascudo: Memória e Biografias)

DIAS, Dayane J. C. **O comportamento da mortalidade no Rio Grande do Norte entre 1801 e 1870**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Exatas e da Terra. Programa de Pós-Graduação em Demografia. 2016, 124 f.

\_\_\_\_\_. **Relatórios dos Presidentes de Província - possibilidades para o estudo de saúde e da mortalidade no Rio Grande do Norte (1835 a 1889)**. Anais do XXI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, p.1-15, 2018.

\_\_\_\_\_. **Secas e epidemias: o contexto da mortalidade em Natal e Fortaleza (1870-1878)**. Anais do IX Seminário Nacional do Centro de Memória - UNICAMP, 2019. Disponível em: <[https://www.ixseminarionacionalcmu.com.br/resources/anais/8/1565381368\\_ARQUIVO\\_TrabalhocompletoCMU-Dayane-Anais.pdf](https://www.ixseminarionacionalcmu.com.br/resources/anais/8/1565381368_ARQUIVO_TrabalhocompletoCMU-Dayane-Anais.pdf)>. Acesso em: 5 jun. 2021.

FIGUEIREDO, Jackson. **Auta de Souza**. Natal (RN): Sebo Vermelho Edições, 2012. (Edição fac-similar)

FIOCRUZ. Fio da História: os últimos dias da varíola. **Revista de Manguinhos**, n.8, p.44-45, out. 2005. Disponível em: <<https://agencia.fiocruz.br/sites/agencia.fiocruz.br/files/revistaManguinhos/RevistadeManguinhos08.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2021.

GOMES, Ana L. F. **Auta de Souza: a noiva do verso**. Natal, RN: EDUFRN, 2013. 382 p.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

GAZÊTA, Arlene A. B. **Dossiê História & Saúde: com a varíola, nasce a saúde pública.** 2014. Disponível em: <<http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/dossie-historia-saude-com-a-variola-nasce-a-saude-publica/>>. Acesso em: 11 abr. 2021.

HIJJAR, Miguel Aiub. Tuberculose. **Jornal de Pneumologia** [online], v.25, n.5, pp.265-266, set.-out. 1999. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-35861999000500008>>. Acesso em: 3 jun. 2021.

MACIEL, Marina de S. et al. A história da tuberculose no Brasil: os muitos tons (de cinza) da miséria. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, v.10, n.3, p.226-30, 2012. Disponível em: <<http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2012/v10n3/a2886.pdf>>. Acesso em: 4 jun. 2021.

MEDEIROS, Leonardo Câmara de. **Epidemias e práticas de saúde pública no Rio Grande do Norte (1850-1890)**. Monografia (graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - Departamento de História, 2006. Disponível em: <<http://177.20.146.152/handle/123456789/487?mode=full>>. Acesso em: 4 jun. 2021.

MONTEIRO, Denise M. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**. 4.ed. Natal, RN: Flor do Sal, 2015.

ROCHA POMBO, José F. **História do Estado do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro, RJ: Anuario do Brasil, 1922.

ROSEMBERG, José. Tuberculose - Aspectos históricos, realidades, seu romantismo e transculturação. **Boletim de Pneumologia Sanitária**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.5-29, dez. 1999. Disponível em: <[http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-460X1999000200002&lng=pt&nrm=iso](http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-460X1999000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 4 jun. 2021.

SANTOS, Darliana P. dos [et al]. Resistência aos fármacos de primeira escolha utilizados no tratamento da tuberculose pulmonar por *Mycobacterium tuberculosis*. **Revista de Saúde**, v.3, n.1, pp.13-25, 27 set. 2016. Disponível em: <<http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RS/article/view/76>>. Acesso em: 3 jun. 2021.

SCHATZMAYR, Hermann G.. A varíola, uma antiga inimiga. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública/FIOCRUZ, vol.17, n.6, nov-dez, 2001, p. 1525-1530. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/article/csp/2001.v17n6/1525-1530/>>. Acesso em: 4 jun. 2021.

SOUZA, Auta de. **Horto, outros poemas e ressonâncias: obras reunidas**. Natal, RN: EDUFRN - Editora da UFRN, 2009. 276 p.

SOUZA, Eloy de. **Memórias**. 2.ed. Organização, notas e índice onomástico de Rejane Cardoso. Macaíba, RN / Brasília, DF: Instituto Pró-Memória / Senado Federal, 2008.